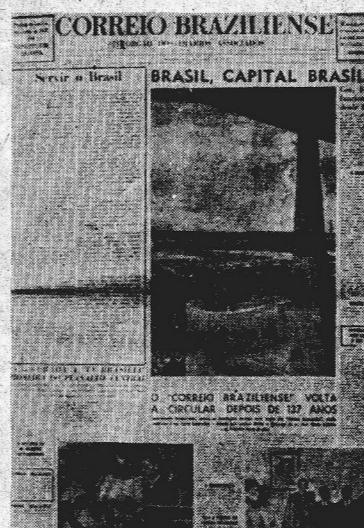


O "fac simile" do primeiro número do "CB" e as antigas instalações, fruto da perseverança e obstinação de Edilson Cid Varela

O nascimento de um jornal predestinado



Os terrenos onde seriam construídos os prédios do "Correio Braziliense" e da TV Brasília foram indicados pela Novacap apenas na primeira quinzena de janeiro de 1960. Tínhamos, portanto, menos de cem dias para lançar um jornal diário e uma estação de televisão. Como se o desafio não fosse suficiente, ainda decidimos que a imagem da TV Brasília deveria chegar ao mesmo tempo, no Rio de Janeiro e em São Paulo,

Edilson Varela conta, aqui, a história dessa aventura.

Pergunta: - Como e quando surgiu a idéia do lançamento do "Correio Braziliense"?

Edilson: - Haveria mais de uma circunstância a referir. Em 1958, em Guarujá, por ocasião de um Congresso dos "Diários Associados", o nosso companheiro Geraldo Teixeira da Costa, numa intervenção muito aplaudida pelos presentes, lembrou a necessidade de termos um jornal na nova Capital que estava sendo erguida no Planalto Central. Esta pode ser considerada a primeira manifestação de uma tomada de consciência sobre o problema. Em setembro de 1959, por ocasião da inauguração do edifício sede da "Folha de Goiânia" e da "Rádio Clube de Goiânia", incluímos no programa das festividades, um dia em Brasília. Fizemos o lançamento da pedra fundamental do futuro edifício do "Correio Braziliense" e a solenidade contou com a presença do Presidente Juscelino Kubitschek e do Dr. Israel Pinheiro, que vieram de helicóptero. Essa festa, contudo, não foi assistida pelo Dr. Assis Chateaubriand que precisou, de Goiânia, regressar ao Rio. Como não havia ainda área delimitada para a construção, a "pedra fundamental" do edifício do "Correio" terminou sendo plantada onde hoje é o prédio do Tribunal de Justiça. Mas já nessa ocasião a idéia do jornal era irreversível e todos os diretores de órgãos associados, do Amazonas ao R. G. do Sul vieram prestigiar o lançamento da pedra fundamental.

Pergunta: - Mas até aí tudo era sonho, desejo. Não havia ainda uma decisão, um plano e recursos para atacar o empreendimento. Onde o sr. acha que o sonho começou a virar realidade?

Edilson: - No outono de 1959, em Londres, hóspede do Em-

baixador, recebi ordens do Dr. Assis para acompanhá-lo a uma recepção em casa de amigos. Lá, num pequeno grupo, e muito escandalizado com a missão, fui incumbido pelo Dr. Assis de convidar a Sra. Sheilla Parnell para madrinha da futura estação de televisão que os Diários Associados inaugurariam em Brasília, segundo ele, no dia 21 de abril de 1960. Estávamos em novembro de 1959 veja bem - e, àquela altura, existia apenas a pedra fundamental para um jornal e assim mesmo lançada em local errado. Construir um edifício e instalar todo o equipamento de um jornal em pouco mais de três meses, já era um desafio terrível. Imagine ter que construir, ao mesmo tempo, um outro edifício, longe três quilômetros um do outro, e instalar uma estação de televisão. No entanto, já tínhamos as madrinhas para os dois veículos, pois a do "Correio Braziliense" seria D. Sarah Kubitschek, também já convidada.

Pergunta: - Mas de concreto, concreto armado mesmo, nada?

Edilson: - Você sabe que a expressão "Ritmo de Brasília" ficou célebre, mas nós estávamos acostumados a um outro "Ritmo" ainda mais alucinante, que era o "Ritmo Chateaubriand". Assim, antes mesmo de se saber o local exato onde seriam construídos os dois prédios, a nossa retaguarda já começava a agir. O próprio Dr. Assis havia adquirido por 4 milhões de cruzeiros (cruzeiro da época) uma rotoplana nova para o "Correio Braziliense" e o dr. João Calmon tomava as providências indispensáveis à importação de 5 linotipos, originariamente destinadas ao "Jornal do Comércio". Já se cuidava até de um arremedo de espelho do futuro jornal para

ser mostrado ao Presidente da República. João Calmon e Edmundo Monteiro asseguraram ao sr. Juscelino Kubitschek que em 21 de abril os "Diários Associados" teriam um jornal e uma estação de televisão em Brasília. Mas de concreto mesmo ainda não havia nada.

Pergunta: - E quando efetivamente começaram as provisões concretas?

Edilson: - Na primeira quinzena de Dezembro de 1959, eu, Nereu Bastos, os engenheiros Jean Paul Bodin e Vitor Purri e mais o nosso companheiro Francisco Braga Sobrinho chegamos a Goiânia e num quarto do "Hotel Bandeirantes" traçamos os planos para a fase concreta de trabalho. No dia seguinte batemos pela primeira vez à porta da Novacap, insistindo na urgência da demarcação dos dois terrenos para edificação do jornal e da televisão. Como se sabe, o Conselho da Novacap aprovava resolução dando terrenos a todas as empresas particulares que assumissem o compromisso de iniciarem suas atividades a 21 de abril. Isto incluía jornais e televisão. Estações de rádio, não. A partir da demarcação dos terrenos iniciamos a nossa batalha contra o tempo. Dividimos as tarefas. Eu fiquei encarregado do jornal. Nereu Bastos da parte da televisão e Vitor Purri da construção dos prédios e da montagem da estação.

Pergunta: - De quantos dias exatamente dispunham vocês para construir, montar e inaugurar tudo?

Edilson: - De cem dias exatamente. No dia 29 de dezembro de 1959 chegavam a Brasília Antônio Honório Sobrinho, José Domingos e Jairo Valadares que seriam o engenheiro, o mestre de obras e o gerente das construções a serem iniciadas. Em 30 de dezembro era feito o primeiro depósito para as des-

pesas iniciais, na agência do Banco da Lavoura no então florescente Núcleo Bandeirante. Foi um depósito de 500.000,00 cruzeiros. Mas só na primeira quinzena de janeiro conseguimos, finalmente, localizar os terrenos e abrir estradas de acesso naquele cerrado. Só então foi possível formar os canteiros de obras e construir os escritórios e alojamentos para os cangangos.

Pergunta: - E o dinheiro foi chegando a tempo e a hora?

Edilson: - Este é um capítulo em que o gênio de João Calmon foi posto à prova e funcionou maravilhosamente. Afinal, sem dinheiro nada de obras e sem dinheiro rápido também não teria construção rápida. Graças aos esforços de Calmon foi organizado um "pool" de bancos mineiros para sustentar o investimento. Os primeiros dois milhões de cruzeiros desse empréstimo chegaram no dia 31 de janeiro e já mantinhamos 100 cangangos engajados na obra. Em 15 de fevereiro concluímos o estabelecimento dos dois prédios. Isto era mais do que o tal "ritmo de Brasília". E olhe que estávamos em meio a uma das estações mais chuvosas dos últimos anos.

Pergunta: - Quantos operários foram empregados?

Edilson: - As necessidades de urgência praticamente nos fizeram dobrar, a cada mês, o número de operários. Em fins de janeiro tínhamos 100 cangangos; em meados de fevereiro, 200 e em março, mais de 300. Entre o dia 5 e o dia 21 de abril chegamos a contar com mais de 500 cangangos vivendo na própria obra e trabalhando de 16 a 18 horas por dia. Os suprimentos acompanharam o ritmo da construção: 4 milhões em fevereiro, mais 4 milhões em março, 9 milhões em abril e, finalmente, 2.622.328,30 em maio, para saldar os compro-

missos finais já então sob responsabilidade da S.A. Correio Braziliense.

Pergunta: - O sr. falou na dura estação das chuvas. Conte-nos outras dificuldades enfrentadas pela equipe que implantou as duas empresas em apenas 3 meses.

Edilson: - Meu caro, só houve dificuldades. Para começar, lutamos com a falta de água. A água, para beber e para as construções, era conduzida em caminhões inadequados de uma distância de 20 quilômetros. Dispúnhamos de dois jeeps e um caminhão, este trazendo material de Belo Horizonte por estrada ainda inacabada. Tínhamos que cuidar do abastecimento de 500 homens.

Foram adquiridos geradores para as duas obras e montado um sistema de comunicação precária entre as duas turmas de trabalho. Foi montada, também, uma estação de rádio para comunicações com Belo Horizonte, já que as obras estavam a cargo do Departamento de Engenharia da S.A. Rádio Guarany, dirigido pelo Dr. Vitor Purri.

Pergunta: - O que era pior, na ocasião?

Edilson: - Pode parecer incrível, mas era a sensação de lentidão das obras. Hoje, quando se considera que dois prédios, dotados de equipamentos delicadíssimos, ficaram prontos em menos de três meses, sabe-se que foi tudo feito em ritmo alucinante. Mas naqueles dias, vendo a data da inauguração da cidade aproximar-se, tudo nos parecia em ritmo de operação tartaruga. Era um verdadeiro suplício. Discutímos com os engenheiros, com o mestre de obras e discutímos entre nós mesmos, pois cada um queria andamento mais rápido para o que considerava a "sua" obra. No final

da tarde, exaustos, afogávamos em uísque, no Brasília Palace Hotel, a nossa revolta contra a falta de tempo.

Pergunta: - Alguma lembrança especial desse período?

Edilson: - No dia 22 de fevereiro, "O Jornal" estampava um artigo de Assis Chateaubriand intitulado "Uma tarde nos céus de Brasília", em que ele manifestava o desejo de não voltar a Londres sem antes ver os dois prédios que estávamos construindo. E dizia: "Como tudo aqui obedece ao ritmo titânico do presidente, esses dois Kubitschekinhos queridos, Calmon e Varela, dentro de mais dois meses entregariam a seus companheiros associados dois sólidos edifícios, um para a estação de televisão e outro, para um matutino de 16 páginas". Foi esse o último artigo do nosso chefe antes que a doença traiçoeira o atacasse. Viera ele a Brasília no mesmo dia da chegada do presidente Eisenhower. De um jeep, no meio do cerrado, conseguiu divisar a obra da Tv-Brasília e comoveu-se. A doença de Assis Chateaubriand - um rude golpe para todos nós - não nos abateu. Consideramos que era nosso dever e até como uma homenagem a ele, redobrar esforços.

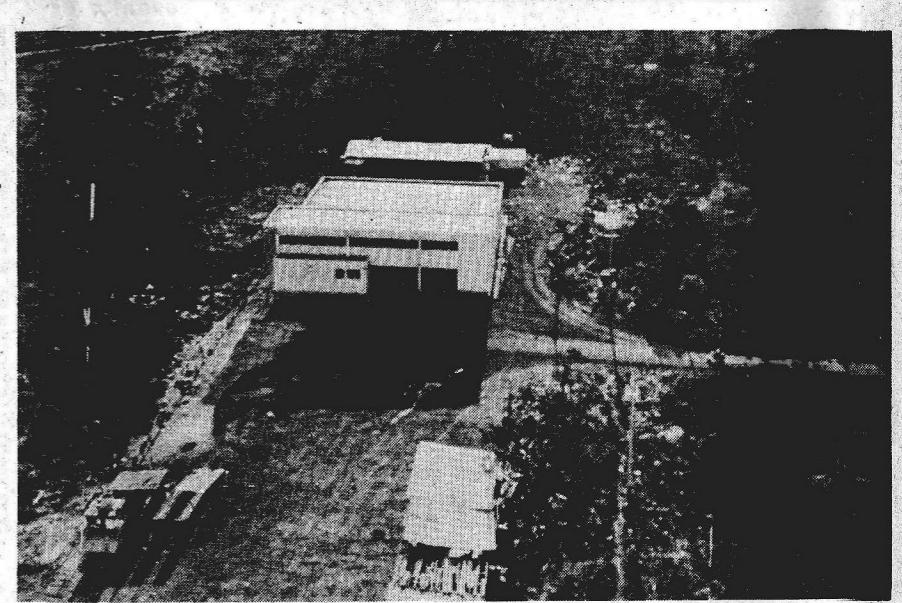
Pergunta: - Como assim?

Edilson: - Na ocasião, um outro projeto audacioso passou a empolgá-la alta direção associada: a ligação, por micro-ondas, de Brasília com Belo Horizonte e daí com o Rio e São Paulo. Durante semanas, do amanhecer ao por-do-sol, voando em teco-teco ou conduzindo um jeep por caminhos quase inacessíveis, Igor Olimpew procurava desincumbir-se dessa missão. Era essa uma obra de Governo, que os "Diários Associados" ousavam empreender. Igor começou a distribuir seus homens pelas regiões por

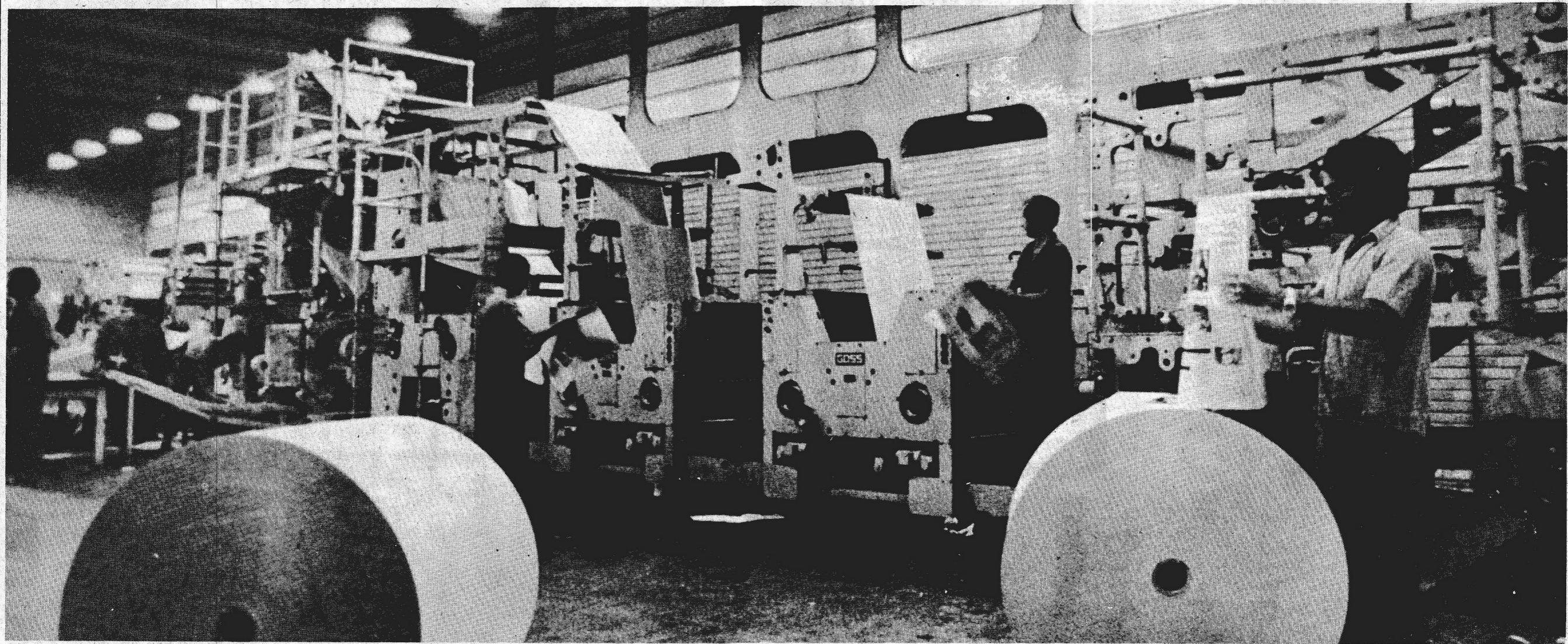


Na fase heróica o caminhão que fez de tudo,

e o primeiro módulo do "CB" em pleno cerrado. Depois o carinho de todos, a começar do prefeito.



Com a mesma velocidade da história, as máquinas do Correio deram, no dia a dia, a



precisa interpretação dos principais fatos que mudaram os rumos da Capital e de todo o País.

ele identificadas como ótimas para instalação do material de micro - ondas. Esses homens trabalhavam em condições incríveis, completamente isolados, pois tanto o material como os suprimentos para alimentação eram lançados de avião. Quando acontecia de um desses suprimentos - se perder no mato, os homens de Igor eram obrigados a vir buscar socorro em Brasília, em nosso acampamento. Todo mundo estava, obviamente, com os nervos estragados. Um dia, Vitor Purri teve uma explosão e me confessou: "Além de tudo, seu Edilson", chegaram aqui, de noite, esses famintos do Igor, rondando o acampamento em busca de um prato de comida".

Pergunta: - Alguma vez lhe ocorreu que, apesar de todo esforço e de todo sofrimento, vocês pudessem fracassar e não lançar o jornal, nem a televisão no dia 21 de abril?

Edilson: - O Dr. João Calmon viajou nos perguntando se o jornal sairia mesmo no dia marcado. Era uma espécie de estímulo sob a forma de desafio. E a nossa resposta era a mesma: no dia 21 estaremos na rua. Mas veja você: em março, as máquinas ainda estavam no porto de Nova York por causa de um atraso do navio. Essas coisas, que não dependiam de nós, afetavam os nossos nervos. Mas dúvida mesmo só tivemos na semana anterior ao 21 de abril, e isto porque a Novacap não pudera até então nos fornecer energia para funcionamento do jornal. O cabo de alta tensão que passava próximo exigia um transformador e esse nunca aparecia. No auge do desespero, vendo todo o nosso sacrifício ameaçado, pois mais importante do que o jornal era o lançamento do jornal no dia da

inauguração da cidade, apelamos para o Dr. Israel Pinheiro. Por instrução do Dr. Israel, o diretor do Departamento de Força e Luz, dr. Afrânia Barbosa, desviou para o edifício do jornal o transformador de uma Super quadra. Foi uma violência, mas uma violência que nos salvou.

Pergunta: - E o equipamento?

Edilson: - As linotipos foram desembarcadas numa tarde de sábado diretamente para os nossos caminhões que dali mesmo do cais do porto do Rio de Janeiro rumaram para Brasília. A rotoplaana já havia chegado e a T. Janer providenciava uma oficina de gravura completamente equipada. Com a chegada do transformador, foi possível testar algumas máquinas, mas não todas. A rotoplaana, por exemplo, não passou por nenhum teste e foi ligada poucas horas antes de ser impresso o jornal. Dois dias antes do 21 de abril, o Dr. Israel nos fez uma visita e na oportunidade lhe entregamos a primeira linha composta em nossas oficinas. Ele ficou entusiasmado e exclamou: "Meninos, vocês trabalharam mais depressa do que a Novacap".

Pergunta: A primeira linha composta aqui... naqueles dias tudo era histórico...

Edilson: A propósito dessa primeira linha de composição, surgiu depois uma controvérsia. Uma amável controvérsia. O dr. Brito Pereira, nosso vizinho, garante que a primeira linha composta em Brasília fora a de uma linotipo de sua repartição.

Pergunta: E o primeiro número?

EDILSON: - Tanto o jornal, como a televisão foram inaugurados no dia 21 de abril por

força do entusiasmo. Gente recrutada de "O Jornal" e do "Diário da Noite", sob o comando admirável do Paulo Vial Corrêa, recentemente falecido, colocou a redação e as oficinas em funcionamento. Alguns nomes não podem ser esquecidos: como Cezario Urquiza, que montou em tempo recorde as linotipos e a máquina APL; José Neto, que dirigiu a equipe pioneira de composição: Enéas Rocha, o Rochinha, que fez os primeiros clichés no cerrado e preparou cangangos para a oficina de gravura. A edição do dia 21 de abril circulou com 124 páginas, mas apenas 16 foram compostas e impressas aqui. As demais páginas constituíram um belíssimo suplemento preparado pelo "O Jornal" e encartado em nossa edição histórica.

PERGUNTA: Isso tudo deveria era estar em livro. Nunca lhe ocorreu a idéia?

Edilson: - Não, porque o Jornal é uma coisa viva e a cada dia que passa acrescentamos mais uma página nesse livro imaginário. Mas o Ari Cunha já focalizou diversos aspectos pitorescos da história dos 100 dias do "Correio Braziliense" e da "TV - Brasília". O caso do Ari Cunha, por sinal, é muito curioso. Ele chegou a Brasília no dia 29 de janeiro de 1960, com a missão de dirigir a distribuição dos nossos jornais. Aqui fez de tudo, como um autêntico cangango, e tornou-se colunista, editor e, finalmente, diretor do "Correio Braziliense".

Pergunta: E a instalação da televisão, foi mais fácil?

Edilson: - Que ilusão! A construção do prédio da televisão passou pelas mesmas dificuldades do prédio do jornal e com um agravante: o equipamento da televisão é muito mais delicado que o do jornal e não

podia ser montado em meio às nuvens de poeira das paredes ainda em construção. O aparelho de "video - tape" chegou dos Estados Unidos num cargueiro da Pan-American e já alguns técnicos da TV - Tupy e da TV - Itacolomi iniciavam a sua montagem. Parte do equipamento para a estação seria fornecido pelas nossas co-irmãs da Bahia, de Belo Horizonte e do Rio, sem falar da TV - Mariano Procópio que foi obrigada a nos ceder o transmissor de 500 watts que lhe era destinado. A reunião de todo esse material, em Brasília, teria sido impossível sem a preciosíssima colaboração do nosso "quebra-galhos", o Mário Garofalo. O Garofalo enfrentou paradas duríssimas.

Pergunta: - Por exemplo?

Edilson: - De uma feita ele quase perde os cabos para localizar uma mesa de som perdida entre os aeroportos de São Paulo, Rio e Belo Horizonte e as estações rodoviárias das mesmas cidades. Para você ter uma idéia do "louco" admirável que é o Mário Garofalo, escute apenas esta história. O Dr. João Calmon entendeu que não poderia haver inauguração da TV - Brasília sem a presença do Presidente da República. Era uma tarefa impossível conseguir, naquele dia, que Juscelino alterasse a sua pletora de inaugurações para falar ao microfone da TV - Brasília. Apelei para o Garofalo e num jeep saímos em louca disparada pelas estradas de Brasília atrás do Presidente. Depois de quase uma prisão à porta do Cine - Brasília, pois o Garofalo, além de tudo, desacatava todo mundo, chegamos aos portões do Alvorada, mas sem condições de nele penetrar. Foi então que o Mário Garofalo me fez a seguinte pergunta: "Dr. Edilson:

é pra levar o homem de qualquer maneira?" Respondi que sim, mas incrédulo, pois percebi que nada se podia fazer. Para horror meu, respondeu o Garofalo: "É simples, dr. Edilson. O sr. vai ver: quando o automóvel do Presidente passar por aqui, eu me atiro na frente dele, o carro para e o sr. fala com o homem". A esse preço desisti da tentativa. Mas na excitação em que todos nos encontrávamos, essa loucura do Garofalo encaixava-se perfeitamente.

Pergunta: - Houve muita improvisação também na parte da televisão?

Edilson: - Quase tudo foi improvisado. A antena da estação, provisória, foi construída no Rio de Janeiro pelo engenheiro Igor Olimpiew, já atarefadíssimo com a montagem das microondas para ligar Brasília a Belo Horizonte. A torre, também provisória, foi montada aqui mesmo pelo Vitor Purri, aproveitando canos da construção.

Pergunta: - E o sistema de microondas, funcionou?

Edilson: - Não contentes com a missão quase impossível de inaugurar em menos de cem dias uma estação de televisão, passamos a alimentar também o projeto de levar a imagem aos receptores de Belo Horizonte, Rio e São Paulo. Havia um sentido de compromisso por parte de todos os diretores e funcionários das demais empresas associadas. Homens como Almeida Castro, Aluísio Chaves, o primeiro diretor da estação e Ibanor Tartarotti, o primeiro gerente, enfrentaram e resolveram dificuldades incríveis. A estação ficou pronta e foi inaugurada no dia 21 de abril, mas não foi uma vitória completa pois a ligação entre Brasília e São Paulo e Rio só viria uma semana depois,

apesar das duas turmas de trabalho atuando em rumos diferentes e por meios diferentes. Enquanto a turma de Igor tentava a ligação por microondas através dos vários postos no trajeto Brasília-Belo Horizonte, o pessoal de São Paulo, sob o comando de Enéas Machado de Assis, utilizava três aviões para atingir o mesmo objetivo. A batalha, contudo, continuou e sete dias depois, diretamente da estação e depois do Brasília Palace Hotel lançamos essa imagem no Rio de Janeiro, através do sistema de microondas montado por Igor Olimpiew. Pudemos ainda transmitir parte de uma sessão da Câmara e o presidente Jânio Quadros, em fevereiro de 1961, com câmeras nossas instaladas no Palácio do Planalto, pode falar de Brasília para Belo Horizonte, Rio, São Paulo e Ribeirão Preto. As instalações, porém, eram precárias e não foi possível continuar o serviço normal de transmissões.

Pergunta: - Dezesseis anos depois, como o sr. encara as duas empresas que sr. ajudou a criar e dirigiu desde o primeiro dia?

Edilson: - Como dois veículos profundamente integrados à vida de nossa comunidade, a ponto do "Correio Braziliense" ser identificado por todas as classes sociais como o jornal, por excelência, de Brasília. É por nosso intermédio que as donas de casa resolvem seus problemas, que os empresários selecionam seus empregados, que Governo e Oposição se sentem retratados sem partidas, sem segundas intenções e também sem subserviência. Pulmão e coração desta cidade, sabemos que não podemos falhar. E desde o primeiro dia mostramos que havíamos reunido força e energia suficientes para não falhar nunca.



Profundas modificações editoriais e gráficas fazem do Correio de hoje um jornal de análise, atendendo às exigências do leitor do DF



Na Redação prevalece a ponderação e a "imaginação criadora" dos redatores ao trabalharem a informação. Os fatos são analisados e de forma dinâmica são levados diariamente a toda a comunidade.